

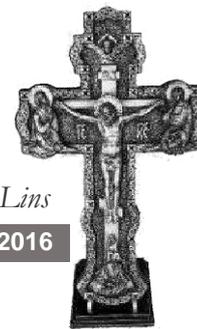


Mosteiro Bizantino
"Panaghyia Tsambika"

Comunidade Católica Greco-Melkita

ΣΥΝΕΡΓΙΑ

Primeiro patrimônio tombado em Lins



Edição Nº 4

"Trabalhando Juntos"

Maio 2016

OS OUTROS CATÓLICOS: UM PEQUENO GUIA SOBRE AS IGREJAS CATÓLICAS ORIENTAIS

Kevin R. Yurkus, Catholic Education Resource Center
Tradução para o Português: João R. Antunes

Milhões assistiram ao funeral do Papa São João Paulo II, e muitos ficaram confusos com o ofício "Panikhída" celebrado não em latim, mas em grego e árabe pelos hierarcas vestidos de capas pretas, usando turbantes, coroas e paramentos incomuns. Isso não era responsabilidade dos cardeais? Esses clérigos eram realmente católicos?

A resposta pode surpreendê-lo, já que **os católicos são geralmente inconscientes que têm milhões de confrades que não são parte da Igreja Católica ROMANA.** De fato, mesmo o termo "Igreja Católica" não é exatamente correto, pois na verdade trata-se de um rótulo depreciativo atribuído a nós pelos Protestantes Anglicanos, tentando legitimar o seu próprio uso do termo "Católico" contra aquela Igreja estrangeira leal ao Papa de Roma.

Na verdade, **a Igreja Católica, diretamente sob a jurisdição de Roma, é correta e canonicamente denominada Igreja Latina.** Todos os documentos oficiais da Igreja simplesmente usam o termo, "Igreja Católica". E, ao contrário da crença popular, a maior parte do trabalho cotidiano realizado pelo Santo Padre não é tanto em seu papel como Papa e pastor da Igreja Universal, mas por sua posição ocupada na Igreja Latina, como o Bispo de Roma.

Quem são esses "outros" Católicos? Eles têm suas próprias hierarquias e liturgias, bem como suas próprias linhagens apostólicas distintas.

Eles podem parecer e agir como as Igrejas Ortodoxas, mas reconhecem ao Papa de Roma como a cabeça da Igreja visível na terra e têm sofrido por causa dessa unidade.

Conheça as Igrejas Católicas. Há mais do que você imagina.

Una, Santa, Católica e Apostólica

De acordo com a Constituição sobre a Igreja, **Lumen Gentium, a Igreja Católica entende-se como "uma coletividade de Igrejas", unida com o Bispo de Roma, que serve como o guardião da unidade.** As outras Igrejas Católicas não são apenas os católicos com permissão papal para usar diferentes liturgias. Eles também foram fundados pelos apóstolos e são Igrejas autônomas, nomeadamente por sua própria existência legítima (*sui iuris*). **Qualquer indivíduo católico pode livremente participar e receber os sacramentos em quaisquer delas. Afinal, católico é católico.**

Por acreditarmos em uma Igreja "Una, Santa, Católica e Apostólica", alguns podem opor-se, "há apenas uma Igreja, então como podemos falar de muitas 'Igrejas'?" É útil considerar uma analogia usada pelos Pais da Igreja: **como existem três Pessoas distintas, que compartilham Uma Essência Divina, da mesma forma existem muitas Igrejas individuais autônomas que compõem aquela Igreja Santa, Católica e Apostólica.** Como é com a Santíssima Trindade, nós devemos ser cuidadosos para não desfocar as verdadeiras e importantes distinções dos indivíduos a fim de enfatizar sua unidade.

Quando Cristo fundou Sua Igreja, encarregou os apóstolos de sair pelo mundo a fim de pregar e batizar. A maioria dos católicos está familiarizada com a fundação da Sé de Roma por Pedro. A primazia da Igreja foi selada com o sangue de Pedro e Paulo, e a sucessão dos bispos segue contínua até os dias atuais. **O que muitos não sabem é que os outros apóstolos também fundaram Igrejas, e que suas próprias sucessões de bispos prosseguem também até hoje.**

Como definido atualmente, **existem 24 Igrejas Católicas que podem ser agrupadas em oito diferentes ritos.** Um rito é um patrimônio litúrgico, teológico, espiritual e disciplinar de um povo distinto, manifestado em uma Igreja. Enquanto cada Igreja Católica pode ter seu próprio rito ou tradição, em geral, existem apenas oito principais ritos. A história, idioma, desentendimentos, nacionalismo e fraquezas humanas básicas resultaram na atual comunhão de 24 Igrejas.

Com poucas exceções, as Igrejas Católicas Orientais resultam de uniões incompletas com as Igrejas Ortodoxas. Nesses casos, um grande número de bispos e fiéis das Igrejas-mãe Ortodoxas, mais cedo ou mais tarde, rejeitou a união com Roma. Hoje, muitos Ortodoxos estão com medo de perder suas distintas tradições em um mundo dominado pela Igreja Latina. Para piorar, algumas das Igrejas Orientais Católicas adotaram costumes latinos e não são bons exemplos de como a união com Roma deve funcionar. Isto é trágico, uma vez que as tradições destas Igrejas são por si mesmas apostólicas e contribuem para a preservação da catolicidade da Igreja com seu próprio desenvolvimento exclusivo da mensagem do Evangelho. Por exemplo, distintamente de uma boa paróquia Latina, em uma paróquia Católica Oriental tradicional não serão encontrados instrumentos musicais, estátuas, rosários ou estações da Via Sacra. Na verdade, o padre pode até mesmo ter uma esposa e filhos, e a igreja pode não ter bancos ou apoios onde se ajoelhar. Em algumas circunstâncias, até mesmo a Bíblia pode ter um cânone maior e

incluir o terceiro e quarto livros de Macabeus. **Unidade não significa uniformidade.**

A IGREJA GRECO-CATÓLICA MELQUITA

Rito: Bizantino

Fundada como a Sé antioquina de Pedro, **foi aqui que os seguidores de Jesus foram chamados pela primeira vez de Cristãos.** O termo “Melquita” vem da palavra siríaca para rei e foi originalmente usada para se referir àqueles dentro os Patriarcados de Alexandria, Antioquia e Jerusalém que aceitaram o Concílio de Calcedônia.

Com atividade missionária dos Jesuítas, dos Capuchinhos e dos Carmelitas no Patriarcado Ortodoxo de Antioquia em meados do séc. XVII, a Igreja Antioquina tomou-se polarizada, com o partido pró-Católico centrado em Damasco e o partido anti-Católico, em Alepo.

O partido pró-Católico elegeu um patriarca em 1724 que foi reconhecido pelo Papa Bento XIII. Em resposta, o Patriarcado de Constantinopla excomungou o Patriarca Católico e nomeou um grego como Patriarca Ortodoxo de Antioquia.

Mesmo com o Império Otomano sendo muito hostil aos Greco-Católicos, a Igreja continuou a crescer porque o Patriarca Ortodoxo de Antioquia ficou inteiramente subordinado aos turcos. Como uma nota positiva, em 1995, as Igrejas Ortodoxa Antioquina e Greco-Católica Melquita concordaram em trabalhar para sanar o cisma de 1724.

No Brasil

A Igreja Melquita veio ao Brasil em missão para servir os imigrantes sírios e libaneses, cuja imigração se iniciou em torno de 1869-1890. Prósperas comunidades foram fundadas e, com muito esforço, também levantadas suas próprias igrejas. A primeira, Igreja de São Basílio, foi fundada em 1941, pelo primeiro arcebispo do Brasil, Dom Elias Coueter, tendo

sido a **primeira Igreja Oriental Católica a ser fundada no país.**

A Igreja Melquita do Brasil é organizada numa eparquia, a Eparquia Melquita no Brasil. Hoje, seu bispo é Dom Joseph Gébara, sendo seu bispo emérito Dom Farès Maakaroun.

A Catedral Nossa Senhora do Paraíso é a sede episcopal da eparquia melquita de São Paulo da Igreja Greco-Católica Melquita no Brasil. O templo está localizado no bairro do Paraíso na cidade de São Paulo.



A IGREJA DE PANAGHYA TSAMBIKA

Imã Makrina Valdor

Stefano Vassiliadis, um imigrante grego, originário da Ilha de Rodes, chegou ao Brasil no segundo dia de abril do pós-guerra de 1951. Para trás, em sua distante ilha, haviam ficado sua esposa, filhos e demais familiares, e como imigrante, entre sua pouca bagagem, trazia muitas esperanças e expectativas. A mais importante delas, era a de reunir-se novamente com eles neste enorme e belo país que o acolhia. Para isso, antes teria que trabalhar pesado, e sabia também, que teria que ter a ajuda de Deus, e a intercessão da Mãe de Deus, “Panaghya Tsambika”, padroeira da igreja de seu povoado de Archangelos, na ilha grega, da qual era devoto. E Stefano começou sua caminhada nestas novas terras procurando um futuro melhor que aquela realidade dolorosa numa Grécia arrasada e desgastada pela guerra.

Chegou a Lins, pequena cidade a 400 quilômetros de São Paulo, a procura de parentes distantes que haviam antecipado a imigração, e mesmo que as coisas não seriam fáceis para aquele grego de vinte e oito anos, também nenhuma dificuldade ia deter sua vontade de prosperar nestas terras. Em uma área onde reinavam os cafezais, contam que teve que plantar arroz, às margens do rio Tietê,

e assim o fez. Com enorme sacrifício, mas fortalecido pela esperança que lhe davam as lembranças de sua família, que esperava, lá na distante Grécia.

O ano não foi bom para a plantação, e o clima desanimou qualquer expectativa de obter uma colheita mínima. Então, como tantas vezes em sua vida, diante de uma dificuldade infranqueável, Stefano, dedicou seu semeadouro de arroz à Virgem Maria, sob a invocação de “Panaghya Tsambika”, a Padroeira de seu povoado, prometendo-lhe que se salvasse sua colheita, ele em agradecimento, e para que ela fosse conhecida nestas novas terras, ele edificaria uma igreja similar à que a Virgem tinha em seu povoado grego, e que o faria de seu dinheiro particular. Os mais antigos habitantes de Lins contam que houve um verdadeiro milagre, não só a colheita de Stefano se salvou, mas, que inexplicavelmente, foi feita mais de uma colheita, já que o arroz voltou a brotar por uma segunda e até terceira vez.

Transcorria o ano de 1957, quando Stefano Vassiliadis, cumprindo a promessa feita à Virgem de Tsambika, e já com a família a seu lado, colocava a pedra fundamental do Templo prometido. Em 8 de setembro de 1958, a igreja foi inaugurada, ainda quando se foi terminando nos anos seguintes. Toda a edificação está composta pelo templo, que é de arquitetura tipicamente bizantina, com teto abobadado, com a orientação exata dos templos deste estilo: Leste – Oeste, e à direita de seu altar, um espaço reservado para um claustro monástico com edificações ao redor de um espaço aberto.

A igreja está inspirada totalmente em sua original que está na Grécia, na Ilha de Rodes, e é a terceira igreja no mundo, erigida para a Virgem Maria sob a invocação de “Panaghya Tsambika”. Única nas três Américas, conta com 159 ícones bizantinos com destacada influência veneziana, pintados pelo iconógrafo greco-argentino Costas Saltaferis, que foi autor também dos ícones pintados na igreja de São Miguel na cidade de Buenos Aires. Os ícones

se encontram distribuídos por retábulos ou figuras, em todo o templo, alguns sobre tecido e outros ao estilo de afresco na própria parede. A igreja foi mobiliada originalmente com móveis e lâmpadas trazidas da Grécia. Foi a primeira igreja Ortodoxa grega, com características bizantinas, do Estado de São Paulo, e foi chamada de “Pérola Bizantina”.

Nas décadas de 1970 e 1980, houve uma emigração de gregos de Lins para São Paulo ou de volta para suas terras de origem, o que deixou o templo praticamente à deriva. Houve um período onde foi adaptado para celebrar em Rito Latino, mas sua deterioração ia se acentuando cada vez mais. Os longos períodos em que se manteve fechado e o clima quente e seco de Lins colaboraram para rachar sua pintura e logo, as infiltrações de água no teto fizeram o resto. Também seu mobiliário foi saqueado. O claustro foi ocupado por gente civil da cidade em diferentes épocas, e inclusive foi derrubada toda uma ala de edificações. Assim chega à década de 2000, onde é redescoberta por um estudante de história da cidade de Londrina, e que em uma monografia a insere no livro “Tesouros do Brasil”. Em 2007, é oficialmente tombada pelo Município de Lins, mas sem recursos para seu restauro, a “Pérola Bizantina” continua deteriorando.

Em 2012, por meio de uma parceria efetuada entre a Prefeitura de Lins e um instituto religioso, fomos chamados para fazer uma avaliação de seu estado, o tempo que demandaria restaurá-la, etc. Com a devida autorização do CONDEPHAC, como restauradores e iconógrafos começamos seu resgate e restauro em 3 de agosto de 2012, e continuamos atualmente restaurando o templo e o claustro desde há quase 4 anos, mas praticamente sem recursos, exceto aqueles que nos chegam através de contribuições da comunidade, ou materiais recebidos como doação, fora isso, não contamos com nenhum outro recurso.

A “Igreja dos Gregos”

Conhecida popularmente como **“Igreja dos Gregos”**, a **igreja de Panaghya Tsambika é a representação mais fiel da passagem dos gregos por Lins**, formando parte importante da história do município.

Primeira igreja (templo) grega construída no Estado de São Paulo foi posteriormente doada à Igreja Ortodoxa Antioquina.

Tombada como **Patrimônio Histórico (o primeiro) do município de Lins em 2007**, vem sendo restaurada pelos iconógrafos Greco-Católicos Melquitas: Irmã Makrina e Rev. Hieromonge Pater Nectarios.

Desde 2013, **semanalmente (aos sábados, às 19h30) é celebrada a Divina Liturgia de São João Crisóstomo** pelo Rev. Hieromonge Pater Nectários. Sendo a única a celebrar o Rito Bizantino (Greco-Católico Melquita) no interior paulista num raio de 400 km.

Donativos

Caso queira contribuir monetariamente, os depósitos podem ser de qualquer valor e realizados de todas as regiões do Brasil para a conta abaixo:

Titular: Miguel A. Rosatto (Padre Nectários)
Banco: 033 – Banco Santander (Brasil) S/A
Agência: 3595-5 – Luiz Gama-Lins/SP
Conta Poupança: 60003948-6

Também aceitamos doações de materiais de construção e pintura.

Igreja de Nossa Senhora de Tsambika

Mosteiro Greco-Melquita Católico

Rua Regente Feijó, 980 - Jd Campestre - Lins/SP

Tel. (14) 3522-1162

www.panaghya-tsambika.com.br

Textos extraídos da internet, exceto: “A Igreja de Panaghya Tsambika”, escrito por Irmã Makrina.